

## A educação a distância e o professor autor em tempos de cibercultura

(THE DISTANCE EDUCATION AND THE TEACHER-AUTHOR IN TIMES OF CIBERCULTURE)

(LA EDUCACIÓN A DISTANCIA Y EL PROFESOR-AUTOR EN LA CIBERCULTURA)

[Cómo citar este artículo](#)

**Eleonora Jorge Ricardo**

Universidade Estácio de Sá  
[eleonora@anitec.org.br](mailto:eleonora@anitec.org.br)

**Lucia Regina Goulart Vilarinho**

Universidade Estácio de Sá  
[lgvilarinho@netbotanic.com.br](mailto:lgvilarinho@netbotanic.com.br)

### Resumo

Este artigo trata da produção de textos didáticos para a Educação a Distância (EAD), adaptados à *web 2*. Resulta de pesquisa bibliográfica sobre os temas: cibercultura, autoria, EAD. Nele se discute o cenário desafiador que se apresenta à formação de professores face ao desenvolvimento e disseminação das tecnologias digitais; o conceito de autoria com base em: Barthes, Foucault, Bakhtin, Chartier; a relação de perspectivas desses autores com a produção de textos didáticos; e a problemática da formação de professores autores para a EAD. Ainda que as questões aqui tratadas sejam parte de pesquisa em desenvolvimento, uma conclusão se impõe: para que o professor se construa como profissional da educação é necessária uma ligação entre discurso e prática docente, entre autoria e construção autônoma e singular do conhecimento.

**Palavras-Chave:** Cibercultura - Produção de textos didáticos (EAD)- Autoria - Professor Autor

### Abstract

This article deals with the production of textbooks for Distance Education (DE), adapted to the Web 2. It is a result of a bibliographic research on the following themes: cyberculture, authorship, distance education. It discusses the challenging scenario that is presented to the training of teachers towards the development and dissemination of digital technologies; the concept of authorship based on: Barthes, Foucault, Bakhtin, Chartier, the relation of perspectives from these authors' views with the production of textbooks, and the problem concerned with the teacher - author education for the distance education context. Although the issues addressed here are part of an ongoing research, one conclusion is obvious: that to be a professional in education it is necessary to be developed a link between discourse and teaching practice, authoring and singular autonomy construction of knowledge.

**Keywords:** Cyberculture - Production of textbooks (DE) - Authorship - Teacher-Author

### Resumen

Este artículo se ocupa del tema de la producción de textos didáticos para la Educación a Distancia (EAD), adaptados a la *web 2.0*. Fue realizado en el marco de una investigación sobre cibercultura, autoría y EAD, y hace un análisis del escenario actual que se presenta como un desafío en lo que concierne a la formación de profesores para el desarrollo y la difusión de las tecnologías digitales. Respecto del concepto de autoría, se considera la relación entre las perspectivas de Barthes, Foucault, Bakhtin y Chartier, y su articulación con la producción de textos didáticos; específicamente, la cuestión de la formación de profesores-autores para la EAD. Aunque los asuntos abordados forman parte de una investigación en desarrollo, igualmente se impone una primera conclusión: el profesor sólo es un profesional de la educación cuando logra vincular estrechamente el discurso y la práctica docente, la creación y construcción del conocimiento.

**Palabras clave:** Cibercultura. Producción de materiales EAD - Autoría - Profesor-contenidista

## 1. Introdução: abrindo o cenário

A grande disseminação das tecnologias digitais na educação vem se dando por força do computador e da internet no modelo da *web 1.0* (dependente ainda do desktop); no entanto, já se observa o avanço da chamada internet 2.0, na qual emergem os ambientes virtuais de aprendizagem 2.0, as *wikis*,<sup>1</sup> os *blogs*<sup>2</sup> e *twiters*,<sup>3</sup> recursos que admitem tanto a escrita individual quanto a colaborativa, enriquecida com a presença de imagens, vídeos, *links*, que podem ser remotamente acessados por seus usuários com o auxílio de modernos celulares aptos à conexão e interação em rede. Estamos na geração da computação nas nuvens, pois já não são necessários os grandes servidores para o armazenamento de conteúdos: tudo está disponível remotamente.

Segundo Tapscot (2010) há uma geração que apresenta enorme facilidade em lidar com as mídias digitais: é a *geração internet* ou *geração y*.<sup>4</sup> Os sujeitos desta geração não são meros consumidores da internet; são jovens produtores, criadores de conteúdos que são compartilhados e encaminhados não mais do computador, mas de seus *iPods*<sup>5</sup> e celulares. As listas de livros prediletos, músicas, fotos da geração internet transitam no ciberespaço,<sup>6</sup> promovendo a formação de redes de

---

1 De acordo com Beilguelman (2003), a palavra *wiki* vem do termo *wikiwiki* que em havaiano quer dizer "rápido". O inventor do *wiki* foi Ward Cunningham que criou tanto a programação quanto o servidor para esse tipo de interface. Para Mattar e Valente (2007), o *wiki* é um *software* colaborativo que permite a edição de textos, tendo como proposta a produção coletiva, possibilitando, inclusive, o controle de versões, formando um histórico da atividade.

2 Segundo Mattar e Valente (2007) a palavra *blog* vem do termo *web log*, que significa diário de bordo na rede. O *blog* admite o controle de usuários, registro de textos e inserção de recados. O *blog* comporta tanto a escrita individual quanto a coletiva. Franco (2008) afirma que o *blog* é mais um tipo de página da *web* em que o autor/editor pode escrever e publicar na internet, compondo desde um parágrafo à textos completos.

3 Franco (2008) explica que o *Twitter* é um tipo de *blog* em miniatura ou *nanoblogging*. Uma de suas características é a inserção de textos com até 140 caracteres. O seu formato aceita a inserção tanto de textos curtos quanto de *links* para outros sites, fotos ou *clipes* de áudio que podem ser acessados por diversos usuários. A publicação de textos e navegação pode ser realizada a partir de um *desktop*, um celular ou até mesmo de um *smartphone*. Há outros formatos de mini *blog* menos populares que o *Twitter*, tais como: *Jaiku*, *Pownce* e *Tumblr*.

4 A geração *y* é definida pelo autor como os jovens que transitam entre os 11 e 31 anos de idade. Há autores que classificam de forma distinta. Para Barbosa e Cerbasi (2009) a geração *y* é formada por pessoas nascidas entre 1979 e 2000, dando margem a existência de uma outra geração denominada *z*. Esse agrupamento seria composto de jovens nascidos a partir de 2000, convivendo desde o berço com Google, a banda larga e tecnologias emergentes.

5 O *iPod* é um produto da Apple que designa um tipo de tocador de áudio digital, que armazena fotos, além de gravar e salvar vídeos, dependendo do modelo escolhido. Mais informações em: <http://www.apple.com/br/ipod/compare-ipod-models/>

relacionamento onde é possível compartilhar rotinas e interesses entre múltiplos usuários em busca de convergências e oportunidades em distintas áreas, desde o campo profissional ao afetivo. Como exemplos dessas redes situam-se: o *Facebook*,<sup>6</sup> o *Friendster*<sup>7</sup> e o Bebo.<sup>8</sup> Já a geração *baby boom*<sup>9</sup> ainda está acostumada a consumir conteúdos prontos, disponibilizados na internet, e precisa descobrir as potencialidades da *web 2.0*, ou seja, deve sair da posição de mera receptora e participar ativamente deste universo comunicacional.

Lemos e Lévy (2010) chamam atenção para uma inteligência coletiva que transcende o uso do computador. As tecnologias e redes sem fio de comunicação digital móvel (celulares, *palms*, redes *Wi-Fi*, *Bluetooth*, GPS) vêm gerando novas práticas de mobilização política, conhecidas como a *smart mobs*.<sup>10</sup> O uso de tanta tecnologia, interligando as pessoas e promovendo mudanças comportamentais, está impactando os modos de comunicar, criar, socializar e as próprias estruturas de poder. Estamos vivenciando a cibercultura.

Para Lévy (1999, p.17), a cibercultura é definida como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Isso significa que este espaço tem seus próprios códigos de conduta, com seus usos e costumes. Já para Rüdiger (2008, p. 26) ela é “um conjunto de fenômenos de costumes que nasce à volta das novíssimas tecnologias de comunicação, da chamada informática da comunicação”. Este autor salienta, ainda, que a cibercultura é apenas um cenário mais avançado da indústria cultural, um produto do capitalismo e uma releitura da cultura de massas. Temos, então, duas visões

---

6 No *Facebook* você pode se conectar e compartilhar conteúdos e formar redes de relacionamento com amigos, colegas de trabalho, enfim, a ordem é estar conectado Ainda há o Bebo <[www.bebo.com](http://www.bebo.com)> que permite a formação de comunidades, auto-expressão de seus usuários e entretenimento).

7 Outra interface que se destina a formação de redes de relacionameto é o *Friendster*, menos popular no Brasil, permite além da formação das redes, o uso de aplicativos para testes, jogos e outros <[www.friendster.com.br](http://www.friendster.com.br)>.

8 O Bebo <[www.bebo.com](http://www.bebo.com)> é uma rede de relacionamento que permite a formação de comunidades, auto-expressão de seus usuários e entretenimento).

9 É a geração que nasceu entre 1946 e 1964.

10 Para Lemos e Lévy (2010, p.72) “as pessoas que participam da *smart mobs* cooperam de maneira inédita por que dispõem de aparatos com capacidade de comunicação como de computação”.

antagônicas em relação à cibercultura. A primeira reforça a vida gerada em torno da rede; a outra contesta e combate por julgá-la mais uma forma de exploração do capitalismo.

Para a educação as contribuições da cibercultura podem ser vantajosas; o aproveitamento das tecnologias 2.0 pode instaurar uma nova ótica sobre as relações entre docentes e discentes, bem como na própria produção do conhecimento. Segundo Mattar e Valente (2007) alunos e professores podem, por exemplo, ser produtores e desenvolvedores de conteúdos. A *web 2.0* possibilita aos alunos favorecerem-se das inovações nas formas de comunicação, produção e disseminação da informação, as quais incluem interações sociais e abrem espaço para outras formas de aprendizagem como o *social learning*.<sup>11</sup>

Neste contexto cibercultural, a educação a distância (EAD) tem sido apontada como grande possibilidade de democratização da educação (Aretio; Corbello; Figueredo, 2007) na medida em que, cada vez mais, se vale das tecnologias digitais em seus processos educacionais. Tais tecnologias, com suas interfaces interativas, potencializam a participação conjunta de alunos e professores na construção de conteúdos de aprendizagem, ou seja, em um processo autoral. *Chats*, fóruns, listas de discussão, ambientes virtuais de aprendizagem são, hoje, interfaces que transitam na educação presencial, mas especialmente na EAD.

Cabe, então, indagar o que é ser autor na cibercultura e como este conceito se expressa na produção de material didático para a EAD? Esta questão nos motivou a realizar uma pesquisa bibliográfica na qual pudéssemos levantar conceitos de autoria e relaciona-los ao campo educacional, mais especificamente, à produção de textos para a EAD. Os resultados deste estudo são a seguir registrados.

---

11 Meister e Willyerd (2010) em recente livro, *The 2020 workplace*, mencionam o uso das redes sociais para aprendizagem, enfatizando, inclusive, à aplicação nas ações de treinamento nas empresas. Tal iniciativa permite que os processos informais de aprendizagem entre empregados sejam intercambiados formalmente, unindo a experiência profissional e a aprendizagem por meio das tecnologias disponibilizadas.

## **2. Conceituando Autoria: implicações para a educação**

Com as chances de uso das tecnologias móveis e da *web 2.0*, a EAD pode potencializar processos de autoria para alunos e professores. Os recursos disponibilizados, no entanto, ainda que auxiliem nos exercícios individuais e coletivos de autoria, de nada valerão se professores e alunos não forem preparados para a imersão neste espaço. Com a nova internet (*web 2.0*) fica mais evidente que a autoria extrapola a simples construção textual; ela se relaciona a processos de criação que fazem parte da natureza humana, pois como destaca Ostrower (2004), o exercício do potencial criador do homem é inerente ao ser e promove o seu bem estar e saúde.

A autoria, enquanto processo de criação, pode ser uma forma de libertação de modelos educacionais disciplinares, transgredindo a ordem que aniquila a criatividade de alunos e professores. Nesta direção, a EAD apoiada pelas tecnologias digitais, em particular a *web 2.0*, pode se beneficiar do exercício da autoria conduzido por milhares de professores, ao invés de ficar atrelada ao uso massivo de conteúdos modelados por profissionais que pouco conhecem o campo pedagógico.

Embora merecedora de atenção, a autoria é timidamente estudada na Educação em geral e muito menos quando se trata de interfaces da *web 2.0*, tidas como elementos facilitadores para a EAD e seus atores. Isto significa que, se queremos alunos autores, precisamos capacitar professores para o exercício de sua própria autoria, a fim de que gerem textos didáticos singulares.

Discute-se a autoria na cibercultura em relação aos novos formatos de textos digitais e às possibilidades de criação coletivas e individuais. No entanto, a Educação passa ao largo das discussões que ora endossam e ora destroem a figura do autor. Há correntes de pensamento que celebram a morte do autor, mas sua importância é notória na sociedade, seja do ponto de vista econômico ou intelectual.

Para Barthes (2004), o papel do autor é questionável. Ele o identifica, apenas, como produto de exploração do mercado editorial capitalista. Em seu clássico estudo, denominado "A morte do autor", são usados argumentos que procuram mostrar o texto e a linguagem como elementos que existem com total autonomia e independência do autor; assim, o sentido do texto e a autoria estão centrados no leitor. Barthes (*idem*) apresenta o autor como fruto do pensamento positivista e personagem da modernidade, que emerge com prestígio no fim da Idade Média. O autor é, então, na visão de Barthes, apenas aquele que consegue parafrasear ou colocar, sob certa ordem, as citações. Ele nega a originalidade do texto, e afirma não existir o "texto zero" (Barthes, 2004), o que reduz o autor a um mero copista.

Mas, afinal como podemos definir / conceituar o que é o autor ou o que ele representa? Segundo Bakhtin (2003), o autor é um prisioneiro de sua época, de um determinado momento histórico, representado em seu discurso (texto). É ele quem dá a organicidade aos distintos discursos que compõem o seu texto e a consciência de toda a sua obra. Já Foucault (2004), destaca o autor na sociedade como aquele que assume a responsabilidade sobre seu discurso. O nome do autor, então, encerra a sua identidade e seu estilo.

Na realidade, quem define a função 'autor' é a própria sociedade. De tempos em tempos a necessidade de sua presença (e de seu exercício) é resgatada pela sociedade (Foucault, 2004).

No âmbito educacional, a figura do autor é restrita a poucos professores: aqueles que produzem livros e/ou materiais didáticos, elaborando textos, testes, exercícios e outras modalidades de atividades pedagógicas. Os professores, que são autores de seus conteúdos didáticos, produzem para editoras ou por encomenda para instituições de ensino (particulares ou privadas) e empresas. Para Soares (2007) o livro didático é um gênero discursivo,<sup>12</sup> com características próprias,

---

12 De acordo com Soares (2007) há uma controvérsia em relação ao livro didático ser ou não um gênero discursivo. Para Bakhtin (2003) o discurso é uma ação da linguagem. Já o gênero demarca a especificidade do enunciado a partir de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

expressas na forma e no conteúdo, apregoando interesses sociais, políticos, pedagógicos e econômicos.

Na prática, o livro didático se tornou a peça fundamental da atividade docente, tendo seu uso banalizado. Em muitas escolas, ainda, representa o único recurso pedagógico que um professor pode acessar em sala de aula, o que restringe a ação pedagógica e em muitos casos, até atrofia a capacidade de criação docente (Fortunato, 2003).

A luta por uma prática pedagógica original e criativa deveria ser perseguida na atividade do profissional da Educação. Tanto a formação inicial quanto a educação continuada de professores deveriam preparar docentes para a produção de textos didáticos. No entanto, os currículos das licenciaturas não englobam disciplinas que cuidem da criação textual para uso pedagógico. Em nossa experiência universitária verificamos que nos cursos de Letras os futuros bacharéis, de alguma forma, aprendem técnicas de produção de textos. Nas licenciaturas para o ensino de português e de idiomas estrangeiros (como o inglês), na etapa da prática de ensino, ocorrem discussões sobre a definição de material didático, suas finalidades e técnicas de redação para usar com os alunos. Já o ensino de Didática, quando discute a questão do livro didático, na maioria das vezes se restringe à apresentação de seu histórico e aos procedimentos técnicos para utilizá-los na sala de aula, o que pode inibir o discurso pedagógico do professor. Perde-se, então, nas licenciaturas a oportunidade de desenvolver professores autores, capazes de criar textos didáticos que são a materialização do discurso docente. De acordo com Castaño e Patiño (2010, p. 2) "qualquer programa de formação e atualização de professores universitários precisa incluir a escrita na prática docente como fator para o desenvolvimento do pensamento".<sup>13</sup>

---

13 A tradução é nossa do texto original em espanhol: *La escritura de textos académicos: un elemento de formación del docente universitario*.

### **3. Textos didáticos para a educação a distância: a autoria do professor na Cibercultura**

Dos primórdios da escrita em papiros ao livro digital verifica-se uma evolução do registro escrito e suas tecnologias, que permitiu ao homem comum experimentar diferentes técnicas para armazenar e disseminar o conhecimento produzido pela humanidade. Na atualidade, o autor, como prisioneiro do seu tempo, tem a possibilidade de experimentar os avanços proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação e atuar como editor de seus textos; isto significa a chance de construir propostas estéticas diferenciadas; de difundir sua produção para potenciais leitores que circulam no ciberespaço, permitindo o compartilhamento da autoria de sua obra, além de poder escolher os sítios e parceiros para a propagação do seu texto.

São tantas as oportunidades para o autor desenvolver a sua capacidade criadora no ciberespaço, que a Literatura e o Jornalismo, por exemplo, já se apropriaram de suas vantagens. Por extensão, podemos dizer que este é o tempo em que a Educação, também, pode se apropriar dos processos que envolvem a autoria e preparar professores para que sejam autores e dominem as técnicas de produção de textos didáticos, principalmente para o crescente campo da EAD. E o momento representa, ainda, o resgate da prática pedagógica do profissional da educação, há anos delegada aos propagadores de mecanismos disciplinares difundidos por meio de textos didáticos consolidados. Abre-se, assim, um espaço para que o docente possa assumir o seu discurso e a responsabilidade sobre seu ofício, pois “uma pedagogia autoritária, ou um regime político autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender” (Freire, 1986, p. 20).

A autoria tem sido majoritariamente reservada a poucos professores, como é possível perceber desde o início da história do livro didático no Brasil. Nunca houve planos para a formação de professores autores, nem para a qualificação desses profissionais com vistas à produção de textos didáticos. A autoria implica em poder,

pois a “palavra tem o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico” (Bourdieu *apud* Gnerre, 1998); logo, dar ao professor a autoria e o uso da palavra, significa dar poder. A questão que se coloca, então, é: há de fato um desejo de formar e qualificar professores para a autoria a fim de que assumam o poder sobre suas práticas, ou eles devem ser apenas meros reprodutores das falas alheias? A quem interessa essa forma de reprodução? Não é possível esquecer, conforme sinaliza Freire (1997, p. 8): “o ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o de pensar sem escrever”.

Segundo Libâneo (2010), os avanços tecnológicos, inclusive, nas formas de se comunicar, promoveram transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, que afetam a escola e o exercício da profissão docente. Hoje, há uma oportunidade singular para que professores possam exercer a autoria com apoio das tecnologias digitais, principalmente quando os professores se envolvem em programas de educação a distância que contam com *blogs*, *microblogs* e interfaces que facilitam a escrita, edição e divulgação de suas aulas. Contudo, não basta apenas a tecnologia, é preciso escrever com autonomia, deixar sua marca no discurso e assumir a responsabilidade sobre o que ficou registrado, o que exige do docente (re)conhecer os caminhos que transitam entre a autoridade do discurso do autor e as técnicas da escrita. Há neste sentido, então, um grande desafio para os professores formadores: preparar professores para a autoria.

A autoria deve fazer parte da formação inicial e educação continuada do professor, pois está vinculada à sua profissionalização; precisa ser cultivada ao longo da vida do indivíduo, contribuindo para a construção de sua identidade. Conforme Penin (2009), o professor ao transformar a realidade do seu cotidiano docente, também é transformado a partir de uma relação dialogicamente constituída. Portanto, para que o professor seja realmente um profissional da educação é preciso estabelecer uma ligação entre discurso e prática docente, entre autoria e construção autônoma e singular do conhecimento.

Logo, integrar prática docente, autoria, tecnologias de informação e comunicação é um desafio para os que pretendem exercer a docência *online* na cibercultura. Tal desafio implica a capacidade docente de promover o diálogo entre o domínio de diferentes tecnologias e saberes, de modo a produzir um discurso autoral que também estimule a autoria do aluno. Assim, a perspectiva de autoria de alunos e professores *online* tem de estar em consonância com a realidade de uma sociedade centrada no conhecimento, que "delineia novos desafios e exige propostas de formação mais criativas" (Carrillo; Roggiano, 2007, p. 317).

Os programas de formação inicial e continuada de professores, incluindo, a docência a distância, precisam, contemplar o uso das tecnologias de informação e comunicação, a criatividade e a autoria, em suas múltiplas possibilidades educacionais, a fim de que o docente, possa aplicar em seu cotidiano os saberes construídos, ultrapassando a simples técnica de construção textual.

Tudo isso significa que na atualidade, o professor precisa dominar tanto a produção textual, quanto a edição de sua própria produção. O professor para concretizar a sua autonomia na prática docente depende da capacidade de se apropriar, tanto dos aspectos linguísticos da composição textual, como das formas de apresentação de seu texto aos alunos. Essa é uma preocupação que na EAD é mais forte e premente, pois a interação professor e aluno acontece, na maioria das vezes, mediada pela linguagem escrita.

A atenção especial que se deve ter com a produção do texto não é restrita ao universo da Literatura ou da Linguística; na realidade, deve ser uma inquietação permanente da Educação. Esta inquietação se torna mais complexa no cenário cibercultural, onde o texto eletrônico surge com uma nova forma de estruturação, tendo seus limites abertos, isto é sem fronteiras nítidas ou visíveis. Há, pois, uma nova lógica, diferente da que caracteriza o livro impresso; já não há mais capa do livro, predomina o entrecruzar de textos. O livro eletrônico é uma revolução, tanto no que se refere ao suporte material do escrito como nas formas de ler (Chartier, 1999).

A tecnologia digital, além de possibilitar uma nova relação do autor com sua obra, permite a desmaterialização e a descorporização do texto. Ainda, segundo Chartier (*idem*), independente das diferentes materializações do texto, o juízo estético supõe a (re)construção dos discursos que transcendem a materialidade.

O 'autor da era multimídia', pela possibilidade de apresentação do texto em suporte eletrônico, está se concentrando mais na forma de criar, uma vez que o digital permite inúmeras possibilidades de criação e estruturação do texto. Em consequência, o livro eletrônico (*e-book*), tem sido alvo de estudo de pesquisadores preocupados em estabelecer critérios que permitirão identificar um texto eletrônico como um livro constituído de unidades com identidade própria (Chartier, 2002). O que estamos presenciando é uma grande transformação na forma como lidamos com o texto e com a escrita: "a revolução do texto eletrônico, é de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura" (Chartier, 2002, p.113).

Como Chartier (1999) chama atenção, o livro digital (*e-book*) representa a (des)corporificação do texto, a sua imaterialidade, a possibilidade de um texto ser lido com um simples deslizar do cursor na tela do computador. O desfolhar delicadamente as páginas de um livro com as mãos está sendo substituído pelo mouse e teclado. Hoje já temos as telas sensíveis ao toque dos dedos. O autor da era digital tem novos desafios: criar uma outra relação com a escrita, o texto e o leitor.

Há novidades tanto no formato como na própria composição textual, tais como: o uso de hipertextos que permitem adentrar em outros textos; a inserção de sons e imagens; oportunidades de interação entre o autor e o leitor, capazes de permitir a coautoria na produção de textos; a elaboração, edição e publicação de textos pelo

próprio autor (Chartier, 1999); a portabilidade em *e-readers*<sup>14</sup> ou *tablets*,<sup>15</sup> entre outras possibilidades.

As perspectivas aqui consideradas podem ser valorosas para o campo educacional, especialmente quando se trata da produção de textos didáticos, tanto para aulas presenciais e como para os cursos a distância, mediados pelas tecnologias de informação e comunicação.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Christian e Gustavo CERBASI. *Mais tempo, mais dinheiro: estratégias para uma vida equilibrada*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2009.
- BARTHES, Roland (1984). *O rumor da língua*, São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O Livro depois do livro*, São Paulo, Petrópolis, 2003.
- CASTAÑO, Luz Angela y Luceli PATIÑO. "La escritura de textos académicos: un elemento de formación del docente universitario". En: Fernando Vázquez Rodríguez (Ed.) *La didáctica de la lengua materna: estado de la discusión en Colombia*, Colombia, Universidad del Valle, 2005, pp. 199-208.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*, São Paulo, UNESP, 2002.
- *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, São Paulo, UNESP/IMESP, 1999.
- FORTUNATO, Márcia V. "Autoria sob a materialidade do discurso". Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Arquivo em pdf.
- FOUCAULT, Michel (1999). *A ordem do discurso*, São Paulo, Loyola, 2004.
- FRANCO, Guillermo. "Como escrever para a web: elementos para a discussão e construção de manuais de redação online" (Centro Knight, Universidad de Texas, Austin). Disponível em:  
<[http://knightcenter.utexas.edu/como\\_web.php](http://knightcenter.utexas.edu/como_web.php)>. (Acesso em: 20 janeiro 2011.)

---

14 Os *e-readers* são aparelhos portáteis do tamanho e peso de um livro normal de papel desenvolvido para a leitura de livros digitais. Eles permitem o armazenamento e portabilidade dos *e-books* (Procópio, 2010).

15 O *tablet PC* é um computador compacto em forma de prancheta; igual à idéia original do *WebPad*. O *tablet PC* original vinha com editor de texto (baseado no *MS Word*) que permitia apagar, inserir, copiar e colar anotações de forma ao ASCII que são editados em computadores convencionais, igual ao iPad. Permite o acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e jogos 3D. A tela é *touchscreen*, ou seja, a ponta dos dedos ou uma caneta funcionam para interagir com os programas e conteúdos (Procópio, 2010).

- FREIRE, Paulo (1993). *Professor sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, São Paulo, Olho d'Água, 1997.
- FREIRE, Paulo y Ira SHOR. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GARCÍA ARETIO, Lorenzo (Coord.), Marta RUÍZ CORBELLO y Daniel DOMÍNGUEZ FIGAREDO. *De la educación a distancia a la educación virtual*. Barcelona, Ariel, 2007.
- LEÃO, Lucia. "Muito além do entretenimento e do espetáculo: projetos radicais na cibercultura". In Elaine Caramella et al (Org.). *Mídias: multiplicação e convergências*, São Paulo, Senac SP, 2009, pp. 587-600.
- LEMONS, André e Pierre LÉVY. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*, São Paulo, Paulus, 2010.
- LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*, São Paulo, Cortez, 2010.
- LÉVY, Pierre (1997). *Cibercultura*, São Paulo, Ed. 34, 1999.
- MARCHISIO ROGGIANO, Suzana y José Antonio ORTEGA CARRILLO: "La enseñanza virtual: situación actual y perspectivas de futuro". In.: A. Chacón Medina y J. A. Ortega Carrillo (Orgs.) *Nuevas tecnologías para la educación en la era digital*, Madrid, Pirámide, 2007, p. 317-330.
- MATTAR, João e Carlos VALENTE. *Second life e web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*, São Paulo, Novatec, 2007.
- MEISTER, Jeanne. C. & Karie WILLYERD. *The 2020 workplace: how innovative companies attract, develop and keep tomorrow's employees today*, New York, Harper Business, 2010.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*, Petrópolis, Vozes, 2004.
- PENIN, Sonia. "Profissão docente e contemporaneidade". In.: Valéria Arantes (Org.). *Profissão docente: pontos e contrapontos*, São Paulo, Summus, 2009.
- PROCÓPIO, Ednei. *O livro na era digital: o mercado editorial e as mídias digitais*, São Paulo, Giz, 2010.
- RÜDIGER, Francisco. *Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo*, Porto Alegre, PUCRS, 2008.
- SOARES, M. L. F. «O papel do autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como uma língua estrangeira: um estudo de identidade autoral 2007», 148f. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*, Rio de Janeiro, Agir Negócios, 2010.

### **Eleonora Jorge Ricardo**

Doutoranda em Educação da Universidade Estácio de Sá, Professora responsável pela área de TIC na SR1/Cetreina/UERJ. Presidente da Associação Nacional de Inovação, Trabalho e Educação Corporativa.

PhD student in Contemporary Education from the University Estácio de Sá, Professor in charge of Technology and Communication in Cetreina /SR-1/UERJ. President of the National Association of Innovation, Labor and Corporate Education. The article comes from the Doctorate Research in Education from the University Estácio de Sá about authorship and Distance Education teachers' training.

Doctoranda en Educación por la Universidad Estácio de Sá. Profesora responsable del área de TIC en Cetreina/SR-1/UERJ. Presidenta de la Asociación Nacional de Innovación, Trabajo y Educación Corporativa.

### **Lucia Regina Goulart Vilarinho**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Doutorado em Educação da Universidade Estácio de Sá.

Ph.D. in Education from the Federal University of Rio de Janeiro. Professor of the Masters and Doctorate in Education from the University Estácio de Sá. Advisor of the research on authorship and teachers' training for Distance Education.

Doctora en Educación por la Universidad Federal de Río de Janeiro. Profesora del Doctorado en Educación por la Universidad Estácio de Sá.

[Subir](#)

[Cómo citar este artículo:](#)\*

JORGE RICARDO, Eleonora y Lucia Regina GOULART VILARINHO: "A educação a distância e o professor autor em tempos de cibercultura", *SIGNOS EAD*, febrero 2012, URL <http://p3.usal.edu.ar/index.php/ead/article/view/2011>, ISSN 1852-3536.

[Subir](#)

---

\* N. de la E.: reedición por cambio de soporte de *SIGNOS EAD*.